TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

(1900 - 1945)

Organização, selecção e notas
de LUIZ FRANCISCO REBELLO

BIBLIOTECA DE AUTORES PORTUGUESES

Este é o primeiro volume que se publica de uma série de antologias em que se reúnem peças em um acto, através das quais se projecta uma imagem dinâmica do teatro português, das origens até aos nossos dias.

Neste volume, que abarca a primeira metade do século xx, recolhem-se 28 peças de autores das mais diversas tendências, desde Marcelino Mesquita a Carlos Selvagem, passando por Manuel Laranjeira, Júlio Dantas, André Brun, Fernando Pessoa, Almada Negreiros, António Ferro, Raul Brandão, António Patrício, Branquinho da Fonseca e Ramada Curto.

A peça num acto, pela necessidade de concentrar a acção, desenvolvê-la e resolvê-la, definir e situar as personagens, numa reduzida dimensão de tempo e espaço, constitui a pedra de toque de qualquer dramaturgia. Esta série de antologias traz-nos a prova da diversidade e vitalidade do nosso teatro.

Faculdade de Letras de Lisboa
ULFLOM00074

1 002051 550007

ULFLCH 00074
BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

TEATRO PORTUGUÊS EM UM ACTO

(1900 - 1945)

Organização, selecção e notas
de LUIZ FRANCISCO REBELLO

temas portugueses

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA

PREFÁCIO

1. *De Henrique da Mota e Gil Vicente até aos nossos dias, é possível seguir, com elevado grau de aproximação, a trajectória da dramaturgia portuguesa através de peças em um só acto — e a isso aspira esta série de antologias, por enquanto circunscrita ao século XX, em que estarão representados, com muito poucas excepções, todos os grandes nomes da nossa literatura teatral, a par de outros que, não sendo tão grandes, nem por isso contribuíram menos para que ela subsistisse, contra ventos e marés, ao longo dos tempos. Porque nada há de mais errado do que limitar a história literária às suas figuras cimeiras e às suas obras maiores; a actividade cultural não se esgota nelas e as suas fronteiras tendem a dilatar-se cada vez mais. O seu estudo ficaria inevitavelmente incompleto, e portanto desfigurado, se amputado de sujeitos e objectos considerados (com ou sem razão) menores, e até de manifestações a que geralmente (e preconceituosamente) se não reconhece o estatuto de culturais, mas pelas quais se definem o gosto, os hábitos e as tendências dominantes de uma época. Não estranhe, pois, o leitor se encontrar, neste e nos demais volumes que vão publicar-se, nomes e títulos que lhe não são familiares: tê-lo-ão sido para um público que entretanto desapareceu, e nessa medida concorreram para que se não quebrasse a continuidade de uma* praxis *que, entre nós, sempre esteve ameaçada de ruptura por toda a espécie de contingências.*

A recolha abrange apenas peças em um acto, quais foram as que os nossos mais remotos dramaturgos escreveram e, de então para cá, quase todos (um António Ferreira, um Francisco Manuel de Melo, contam-se entre as raras e ilustres excepções; e quanto ao «Judeu», o episódio da ilha dos Lagartos é uma verdadeira peça num acto, encastoada na Vida do Grande D. Quixote) *têm incluído na sua bagagem teatral. Parece assim ficar desmentida uma afirmação, muitas vezes citada, de Fialho de Almeida, para quem a «concisão nervosa, a intensidade de*

JÚLIO DANTAS

Mater Dolorosa

(1908)

Nasceu em Lagos a 19 de Maio de 1876 e faleceu em Lisboa a 25 de Maio de 1962. Tendo-se estreado nas letras em 1896 com um livro de versos que Henrique Lopes de Mendonça prefaciou — *Nada* —, o teatro seria, durante cerca de duas décadas, o seu campo de trabalho privilegiado. Como os dramaturgos da geração que o precedeu, dividiu-se entre o historicismo novi-romântico e o naturalismo, de que recolheu sempre os elementos mais exteriores, preferindo naquele a reconstituição de quadros galantes ou heróicos e neste os diluídos ecos de um ibsenismo apressado e superficialmente entendido. Embora tenha publicado em 1897 uma sátira em verso, que mais tarde excluiu das suas obras completas, o *Auto da Rainha Cláudia,* a sua estreia teatral verificou-se em 1899 com o drama em quatro actos *O Que Morreu de Amor,* a que se seguiram, na mesma linha historicista, *Viriato Trágico* (1900), *A Severa* (1901), *Um Serão nas Laranjeiras* (1903), *Santa Inquisição* (1910) e uma série de pequenas peças em um acto (*A Ceia dos Cardeais* e *D. Beltrão de Figueiroa,* 1902; *Rosas de Todo o Ano,* 1907; *O Primeiro Beijo,* 1911; *D. Ramon de Capichuela,* 1912; *Sóror Mariana,* 1915; *Carlota Joaquina,* 1919). Os dramas de ambiente contemporâneo e factura naturalista compreendem *Crucificados* (1902), *O Paço de Veiros* (1903), *Mater Dolorosa* (1908) e *1023* (1914), este último em verso. Traduziu Rostand (*Cyrano de Bergerac,* em colaboração com Manuel Penteado), Richepin. *(O Caminheiro),* Oscar Wilde *(O Leque de Lady Margarida),* elaborou versões actualizadas, muito discutíveis, de obras clássicas, nacionais (*El-Rei Seleuco,* de Camões, 1905, e *A Castro,* de Ferreira, 1920) e estrangeiras (*Rei Lear,* de Shakespeare, 1904; *D. João Tenório,* de Zorrilla, 1920; *Antígona,* de Sófocles,

1946). Com esta última regressou, ainda que brevemente, às lides teatrais, acrescentando dois títulos à sua produção de cariz histórico: *Frei Antônio das Chagas* (1947) e *Outono em Flor* (1949). Postumamente foi publicado um drama em quatro actos, baseado numa lenda de origem romena, *A Catedral* (1970). Mas a sua vasta produção abrange ainda um outro livro de versos (*Sonetos,* 1916), um romance extraído da peça *A Severa* e aproveitando o grande êxito alcançado pelo que Joaquim Madureira considerou «o aceitável libreto de uma ópera-cómica de assunto português» (e, de facto, não só uma opereta mas até uma zarzuela dela foram extraídas), vários livros de contos e crónicas (*Ao Ouvido de Madame X,* 1915; *Mulheres,* 1916; *Eles e Elas,* 1918; *Espadas e Rosas,* 1919; *Como Elas Amam* e *Abelhas Douradas,* 1920; *Arte de Amar,* 1922; *Eva,* 1925), dois livros de exaltação patriótica (*Pátria Portuguesa,* 1914, e *Marcha Triunfal,* 1954), além de vários outros em que «o heroísmo, a elegância e o amor» (título de uma conferência que proferiu no Rio de Janeiro em 1923) constituem os temas recorrentes de uma obra que, tal como a sua carreira política, se processou sob o signo do academismo, o que fez dela (e dele) o alvo predilecto das sucessivas gerações modernistas, desde o escandaloso *Manifesto Anti-Dantas* de Almada Negreiros, em 1916.

Mater Dolorosa, que Óscar Lopes considerou uma «obra-prima no género, pela alternância bem ritmada, e aliás realista, de intensidade expectante e de juízos morais que as diversas personagens despertam no espectador», estreou-se em 29 de Janeiro de 1908 no Teatro do Príncipe Real, tendo como intérpretes Luz Veloso (Maria do Carmo), Georgina Vieira (Sr.ª Rosária), João Gil (Sr. Domingos), Carlos Leal (Sr. Lopes), Eduardo Vieira (André) e Carlos (Paulo).

MATER DOLOROSA

Personagens:

Maria do Carmo.
a Sr.ª Rosária.
O Sr. Domingos.
O Sr. Lopes.
André.
Paulo, 5 anos.

Quarto numa casa de hóspedes, ao Bairro Alto. Casa antiga. Porta ao fundo, dando para um corredor escuro com um rodapé de azulejos. Porta à direita baixa, pintada de verde, trancada, não praticável. À esquerda alta, janela pequena de peitos, com poiais de tijolo; num dos poiais, um fogareiro de barro, apagado. Cama estreita de ferro, com a roupa desmanchada. Tábua de engomar. Uma cómoda velha de três gavetas. Sobre a cómoda, uma cafeteira e alguma loiça. Num banco, um alguidar de barro vidrado. Roupa a enxugar numa corda.

Ninguém no quarto, ao subir o pano. A porta do fundo está fechada. Ouve-se bater. A primeira parte do diálogo passa-se fora de cena.

André *(fora, chamando)* — Menina Maria do Carmo... Ó menina Maria do Carmo!

ROSÁRIA *(cuja voz áspera responde, também fora)* — Que é que quer?

ANDRÉ — Ó patroa, a menina Maria do Carmo saiu?

ROSÁRIA — Não sei. Bata à porta.

ANDRÉ *(chamando outra vez)* — Ó menina Maria do Carmo! *(Depois dum silêncio.)* Parece que saiu.

ROSÁRIA *(ainda fora de cena, batendo à porta e chamando familiarmente)* — Micas! Ó Micas! *(Abrindo uma greta da porta do fundo e metendo a cabeça.)* Saiu. *(Entrando, sapatos de trança, um lenço atado nos cabelos, uma vassoira de cabo na mão.)* Que é que lhe queria?

ANDRÉ *(entrando atrás de Rosária, casaco sobre camisola às riscas, gola levantada)* — Queria a roupa.

ROSÁRIA — Qual roupa?

ANDRÉ — A minha roupa.

ROSÁRIA — Sei lá se ela a engomou!

ANDRÉ — Ah, isso engomou.

ROSÁRIA — Sei lá!

ANDRÉ — Sei eu. Eu disse que queria a roupa para domingo. Hoje é domingo... Se ela não a engomou, nunca mais lhe dou roupa.

ROSÁRIA *(desatando uma trouxa)* — Talvez seja isto. É isto? *(A um gesto de André.)* Não é. Então talvez seja aquilo que ali está na corda.

ANDRÉ — Na corda?

ROSÁRIA *(apontando a roupa que enxuga na corda)* — Ali. Veja se é aquilo.

ANDRÉ — Então, na corda, a roupa que eu lhe dei há oito dias? Isto agora é que está um bom arranjo! Quero sair e não tenho camisa. Nem camisa nem colarinho. Eu é que sou tolo. É o que faz a gente ter dó. Se eu tenho dado a roupa à espanhola, ali defronte, já não me

BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE DE LISBOA

ÍNDICE

Prefácio, de Luiz Francisco Rebello 7

Marcelino Mesquita — *O Tio Pedro* (1902) 15
Manuel Penteado — *Lei-San* (1903) 31
Jorge Santos — *A Festa da Actriz* (1903) 45
Augusto de Lacerda — *Terra Mater* (1904) 59
Manuel Laranjeira — *Às Feras* (1905) 103
Mário Gollen — *Os Degenerados* (1905) 141
Emídio Garcia — *Os Que Furam* (1905) 155
Júlio Dantas — *Mater Dolorosa* (1908) 179
Carrasco Guerra — *O Triunfo* (1908) 203
Urbano Rodrigues e Vítor Mendes — *O Camarim* (1910) 225
Bento Mântua — *O Álcool* (1912) 247
André Brun — *Cavalheiro Respeitável* (1914) 273
Pedroso Rodrigues — *A Cilada* (1914) 297
Ponce de Leão — *A Onda* (1915) 311
Fernando Pessoa — *O Marinheiro* (1915) 331
Abreu e Sousa — *Penélope* (1919) 347
Almada Negreiros — *Antes de Começar* (1919) 361
Raul Brandão — *O Doido e a Morte* (1923) 379
António Patrício — *Judas* (1924) 397
Vasco Mendonça Alves — *Viva da Costa!* (1925) 403
Vitoriano Braga — *Lua-de-Mel* (1928) 427
Chagas Roquete — *O Trivial* (1928) 445
Branquinho da Fonseca — *A Posição de Guerra* (1928) 455
António Ferro — *A Mulher Fatal* (1928) 467
João Pedro de Andrade — *Continuação da Comédia* (1931) 479
Ramada Curto — *Três Gerações* (1931) 497
Alice Ogando — *A Prima Tança* (1934) 513
Carlos Selvagem — *Balada de Outono* (1945) 527

Esta edição de
Teatro Português em Um Acto (1900-1945)
foi executado na
IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA
com uma tiragem de mil exemplares.
Orientação gráfica do Gabinete Editorial da INCM.
Capa de Armando Alves.
Como vinheta utilizou-se desenho da autoria de
Branquinho da Fonseca, extraído da peça
A Posição de Guerra, edição da *Presença,* 1928.

Acabou de imprimir-se
em Outubro de mil novecentos e noventa e sete.

ED. 42 000 952
CÓD. 205 155 000
ISBN 972-27-0867-8

DEP. LEGAL N.º 115 805/97